

## **Diversas histórias: a visão da deficiência na literatura infantil**

Izaura Maria de Andrade da Silva  
Adriana dos Santos Silva  
Dalete Kelly Cunha Araújo  
Dayane Helena Pereira Sampaio  
Edilene Firmino da Silva  
Juliana Torquato de Sousa  
Rafaella Gomes Amorim Maroja  
Valeska picado schulze

### **Resumo:**

A pesquisa tem como objetivo analisar o conceito subjacente de ser humano, deficiência, sociedade e inclusão na literatura infantil, principalmente nas obras complementares do Programa Nacional de Livro Didático que abordam a questão da diversidade/deficiência. A pesquisa é de cunho qualitativo do tipo documental, a metodologia utilizada foi análise de conteúdo. Para tanto, selecionou-se sete obras literárias como corpus empírico de investigação. As obras selecionadas foram: Uma formiga especial, Nem todas as girafas são iguais e Dognaldo e sua nova situação de Marcia Honora, Meu amigo Down na rua e na escola de Claudia Werneck, Quem é Glória? de Sílvio Costa e Júlia e seus amigos de Lia Crespos. Os resultados demonstraram que a maior parte das obras enfatizam as características biológicas do sujeito com deficiência, no entanto em algumas histórias consideram os aspectos ambientais e culturais na compreensão desse sujeito. A deficiência não pode ser compreendida com o foco apenas no indivíduo e nas suas características biológicas, mas é preciso considerar os fatores relacionados a organização social, que podem atenuar ou aumentar a deficiência física, sensorial ou intelectual. com recursos e estratégias adequados que respondam às suas necessidades/direitos específicos, as crianças, jovens com deficiência podem desenvolver como qualquer outra e participar ativamente da sociedade. Já a inclusão aparece na literatura como processo que deve ser construído com o apoio da família, da comunidade escolar, da sociedade e da própria pessoa com deficiência.

**Palavras-chave:** Pessoa com deficiência. Literatura infantil. Inclusão.

### **Introdução**

O projeto Diversas Histórias do Programa de Licenciatura (PROLICEN) envolve estudantes de pedagogia e letras, com o objetivo capacitar licenciandos e professores do ensino fundamental da educação básica, para discutir de modo crítico e analisar os conceitos e as concepções subjacentes sobre ser humano, a pessoa com deficiência e a inclusão presentes nas obras da literatura infantil, principalmente, nas obras

complementares do Programa Nacional do Livro Didático, que abordam a questão da diversidade.

As concepções que os docentes têm sobre seu aluno com deficiência influencia sua prática pedagógica. A visão que situa a pessoa com deficiência como um problema, resquício do modelo médico, ainda permeia a concepção e a prática de muitos educadores. Nesse modelo, as características biológicas são focalizadas de forma isolada e primordial, o problema de aprendizagem está localizado no indivíduo e na sua deficiência. Não se percebe que o ambiente, a disponibilização de estratégias e recursos têm um papel fundamental no processo de aprendizagem desses estudantes. Não conseguem perceber que os entraves/ problemas são decorrentes especialmente de uma organização escolar seletiva, meritocrática e homogeneizadora que não reconhece a diversidade cultural e de condições física, sensorial e intelectual presente no seu meio.

Em contraposição ao modelo clínico, existem o social e o biopsicossocial da deficiência. O modelo social considera a deficiência como uma característica da diversidade humana. Assim, busca compreender o indivíduo em sua integralidade, contextualizando-o em seu ambiente econômico, social, político e cultural. Os problemas da privação e restrição escolar e produtiva presentes na vida dos indivíduos com deficiência, só podem ser enfrentados com mudanças no contexto em que eles estão inseridos. Já, no biopsicossocial a deficiência passou a ser compreendida, então, como um fenômeno multidimensional, resultante da interação entre as características do indivíduo e do contexto social em que está inserido.

Nesta perspectiva, a pesquisa verificou e problematizou nas obras de literatura infantil, analisando concepções hegemônicas de pessoa com deficiência e inclusão.

## **Metodologia**

A metodologia utilizada neste trabalho empregou procedimentos científicos para formatá-la de tal modo que se possa ter a percepção do caminho percorrido na obtenção de resultados. A pesquisa foi de cunho qualitativo do tipo documental, a metodologia utilizada foi análise de conteúdo. Para tanto, selecionou-se sete obras literárias como corpus empírico de investigação. As obras selecionadas foram: Uma formiga especial, Nem todas as girafas são iguais e Dognaldo e sua nova situação de Marcia Honora, Meu amigo Down na rua e na escola de Cláudia Werneck, Quem é Glória? de Sílvio Costa e

Júlia e seus amigos de Lia Crespos. Para que se possa discorrer sobre a problemática alencada e, utilizar-se de procedimentos para a construção deste.

De acordo com Bardin, (1977, p.31) “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações.” As fases da análise de conteúdo são a pré análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Na pré análise são definidos os documentos, a formulação das hipóteses e a elaboração de indicadores que é fundamental a interpretação final. Na segunda etapa os dados são codificados a partir das unidades de registro. Na última etapa se faz a categorização, que consiste na classificação dos elementos segundo suas semelhanças e por diferenciação, com posterior reagrupamento, em função de características comuns. (BARDIN, 1977)

A análise foi realizada tendo como parâmetros as seguintes hipóteses:

- Enfatiza os aspectos biológicos e individuais;
- Considera os aspectos ambientais, culturais;
- Vê a deficiência como algo negativo e inferior.
- Vê a deficiência como condição da diversidade humana;
- A inclusão acontece na própria narrativa sem comprometer a progressão dramática da história.

Além da investigação das literaturas, nas reuniões semanais foram discutidas questões didáticas relativas ao processo de contação histórias. Após o estudo da literatura está previsto a contação de história e discussão sobre a temática em escolas da rede pública do município de João Pessoa-PB

## **Resultados e discussões**

A relevância da prática da contação de histórias na sala de aula é clara, desde o início das civilizações, na qual as crenças, hábitos e costumes eram passados de geração a geração nas construções de identidades culturais e sociais do indivíduo no seu tempo, para que as culturas posteriores pudessem sobreviver.

Concorda-se com Miranda (2003) quando há reconhecimento de que a efetivação de uma prática educacional inclusiva não será garantida por meio de leis, decretos ou portarias que obriguem as escolas regulares a aceitarem os discentes com necessidades especiais, isto é, apenas a presença física deste aluno na classe regular não é garantia de

inclusão, mas sim que a instituição esteja preparada para dar conta de trabalhar com os alunos que chegam até ela, independentemente de suas diferenças ou características individuais.

As memórias que se perpetuam e seguem caminhos diversos, com finalidades diferentes, com propósitos diversificados, emergem para a construção de uma sociedade inclusiva que participam indivíduos heterogêneos em suas singularidades. Nesta direção, a contação de histórias em uma perspectiva inclusiva é de fundamental relevância para a educação infantil, uma vez que, é nesta fase que a personalidade das crianças está em formação, podendo então, ser corrigidas condutas inadequadas, de discriminação, para com os demais sujeitos.

Miranda (2003) reconhece que o cotidiano na escola, os alunos com necessidades educacionais especiais inseridos nas salas de aula regulares, vivem uma situação de experiência escolar em grande parte precarizada, ficando quase sempre à margem dos acontecimentos e das atividades em classe, porque muito pouco ainda é realizado em relação às características de sua diferença.

O ser humano, a partir da infância, está em processo de desenvolvimento e de humanização, que acordo com Amaral (2014) o ser se constitui humano por meio dos processos educacionais e das interações e experiências vivenciadas cotidianamente. Este processo que a autora faz menção, não se dá apenas no âmbito escolar, mas em todas as esferas educativas na qual o sujeito esteja inserido, e este, progride paulatinamente conforme as informações que lhes são compartilhadas.

Certamente a escola não é a única instância formadora de opinião, e responsável pela formação integral dos sujeitos, a aprendizagem não estar restrita apenas à esfera formal, contudo, perpassa a informal e não formal, por isto, é de suma importância que os professores, família e sociedade se apropriem de como repartir o conhecimento, para que não venham a retardar, e influenciar de forma negativa, no desenvolvimento dos sujeitos.

Nesse momento de descobertas e construção é necessário que floresça na criança a consciência crítico-reflexiva. Amaral (2014) corrobora neste sentido, atestando que a escola deve ser o recinto para se trabalhar a consciência, desde a primeira infância, bem como a empatia, o respeito ao outro, pois é nas relações interpessoais que a criança se desenvolverá, dentro e fora da escola, no jogo das igualdades e diferenças.

O conhecimento dos conceitos através de alguns teóricos para a realização das discussões neste trabalho, se faz necessário, para que se possa analisar nas literaturas

infantis, a forma pela qual se molda nas narrativas, a construção da concepção de: ser humano, deficiência, sociedade e inclusão.

Educar está ligado ao tornar-se humano, à compreensão e à integração a um grupo ao qual o indivíduo pertence. Por meio da convivência e, por conseguinte, das interações que os indivíduos realizam em seu meio, eles se constituem humanos (AMARAL, 2014, p.26).

Depreende-se que a educação é um mecanismo de empoderar os sujeitos, de maneira a resgatá-los da condição de alienação, da submissão não crítica às instâncias superiores, mas a requererem seus direitos garantidos pela legislação. Todavia, o direito ao qual se reporta, é o da inclusão da diversidade de sujeitos em sala de aula, levando a compreensão de que somos iguais perante a lei.

Desse modo, é através das relações que são constituídas na escola, que norteia os alunos, para que estes exijam seus direitos, mas também, que cumpram seus respectivos deveres. Portanto, a educação é um processo constante, que surge no instante em que se nasce e percorre toda a existência (AMARAL, 2014).

Por sua vez, o indivíduo não nasce pronto, mas no desdobramento do tempo vai amadurecendo, em um processo contínuo e progressivo, em que, cabe ao educador permitir o desenvolvimento dos educandos, realizando avaliações durante todo o seu percurso escolar, considerando que estes, possuem um conhecimento prévio, e o professor sistematiza em sala de aula.

Ter consciência do passado é fundamental para a aprendizagem, pois se concebe que ela ocorre pelas interações, ou seja, é por meio dos resquícios do passado construído pelos antecessores que se pode explorar o mundo e potencializar um novo futuro de maneira emancipada, ou seja, tendo em mente a consciência de seus atos (AMARAL, 2014, p.28).

Compreende-se que o ambiente escolar deve contribuir com o desenvolvimento do aluno, permitindo sua participação ativa em sala de aula, de maneira a não haver uma segregação, entendendo que a inclusão deve estar implicada no processo educacional, isto é, os sujeitos devem ser reconhecidos não pelas suas deficiências, mas pela possibilidade de superá-las, devendo, pois, não negá-la, mas, empoderar-se diante da sociedade.

As literaturas que foram analisadas permitem que se possa ter múltiplos olhares sobre o processo de inclusão, por isso se faz necessário que cada uma das literaturas seja refletida.

Na literatura “Nem todas as girafas são iguais” a autora Márcia Honora, ressalta os aspectos individuais de maneira a enxergar a personagem da girafa protagonista, chamada Tina, pela baixa estatura em comparação as outras girafas. Os aspectos ambientais e culturais são considerados, na qual suas vivências giram em torno do ambiente escolar. Por sua vez, não vê a deficiência como algo negativo e/ou inferior, mas como uma situação da diversidade humana.

A finalidade está explícita na progressão da história, na qual mostra a necessidade de incluir o ser humano com suas diferenças, para que sejam enxergadas suas capacidades, isto é, o indivíduo em sua totalidade. Um olhar atento no enredo da história se percebe que a autora aborda uma violência muitas vezes silenciosa no ambiente escolar: o “*bullying*” a girafa Tina sofria apelidos que podem ocasionar problemas psicossociais.

A análise da literatura “Quem é Glória?” do autor Silvio Costa, aborda de forma clara as dificuldades enfrentadas por Glória em razão da falta de acessibilidade da escola, dificultando sua socialização com os demais alunos. Na narrativa analisada, observou-se que: a deficiência não é vista como negativa, mas sim como a possibilidade de superação. O autor primeiramente apresenta os aspectos sócio culturais e no final a apresenta condição de cadeirante de sua personagem.

A inclusão parcial é observada no sentido em que Glória estava inserida no meio escolar, não havendo segregação das atividades, de maneira que, a escola trabalha com a diversidade de sujeitos: ou seja, a aprendizagem dar-se em coletividade. Entretanto, Glória não consegue se inserir em alguns espaços, pois, estes não estão adaptados, como: centro da cidade, alguns bairros.

“Uma Formiga Especial” da autora Márcia Honora, traz em seu enredo, uma formiga com deficiência visual congênita, que com a ajuda da família, e principalmente com seu próprio esforço consegue vencer os obstáculos que a perda da visão ocasionou. Na progressão da narrativa a autora traz a reflexão sobre a capacidade que o ser humano possui com sua própria singularidade de superação. Mas, que a participação da sociedade com um olhar empático pode amenizar ou dificultar o desenvolvimento da pessoa com deficiência.

“Meu amigo Down, na rua” e “meu amigo Down na escola”, da autora Claudia Werneck. Nesta literatura os aspectos biológicos individuais do aluno Down são enfatizados, pois, todos o identificam pela síndrome, do início ao fim da narração. Se a intenção da autora foi provocar uma reflexão pela ausência da identidade do aluno, foi

positivo, mas, o ponto negativo é que a literatura é voltada para o público infantil, que está em processo de desenvolvimento e formação.

A criança irá identificar a outra apenas pela síndrome, fragmentando o ser humano, e poderá reproduzir em seu comportamento inconsciente, o cumprimento nas relações sociais com qualquer criança que tenha a síndrome. Apresenta a deficiência como condição da diversidade humana e discorre que: a falta de informação gera o preconceito, não vê a deficiência como algo negativo inferior.

A autora discorre que na literatura a inclusão acontece, mas de forma parcial, na qual a escola assume o papel de mediador entre os pais e o aluno Down, no entanto, em alguns espaços há ênfase no distanciamento das pessoas, excluindo a criança com síndrome de Down de uma participação ativa na sociedade como um todo. A participação da escola como mediadora para desconstruir paradigmas é relevante pois assume a responsabilidade que tem diante da sociedade e das leis na formação de um ser humano que respeite as diferenças.

Lia Crespo em seu livro “Julia e seus amigos” reflete muito bem as dificuldades de uma garota com deficiência tem de transpor as barreiras físicas e atitudinais presentes em nossas escolas e sociedade como um todo. A referida autora conta uma estória bela e envolvente que traz para sala a discussão dos desafios vivenciados pela pessoa com deficiência física no seu processo de inclusão.

O livro infantil “Dognaldo e sua nova situação” de Márcia Honora, aborda em sua narrativa um personagem com deficiência adquirida, contando desta forma, a história de um cachorrinho chamado Dognaldo, que sofreu um grave acidente quando estava correndo atrás de uma pipa na rua, e assim, aconteceram várias mudanças em sua vida após ter sofrido uma lesão em sua coluna.

Após analisar esta obra, percebemos que a autora conseguiu desenvolver toda a narrativa da história de forma equilibrada com foco no personagem e na deficiência, pois mostrou aspectos biológicos e individuais do personagem. Utilizando uma linguagem de fácil compreensão para diferentes tipos de leitores.

Com relação ao tamanho das obras, houve disparidades, de modo que, algumas apresentam tamanhos reduzidos, porém, outras, são extensas, de modo a desviar a intencionalidade do processo de ensino e aprendizagem tendo em vista que, torna-se este, enfadonho e desestimulante, tendo o professor que criar novas estratégias e ser passível de fazer um novo planejamento.

Faz-se necessário que os educadores sejam cautelosos no processo de escolhas das literaturas infantis, as quais levem os alunos a refletir acerca da deficiência, É de suma importância, que os professores, escolham leituras curtas, com uma sequência lógica, para que os alunos possam compreender de maneira clara, os diversos conceitos e ensinamentos abordados pelas literaturas, obras em que sejam adequadas a linguagem da criança, pois muitas vezes, estas, são de difícil compreensão.

É de suma importância, que o hábito pela leitura seja estimulado desde os anos iniciais, por isso, o professor deve inserir este recurso em sala de aula, pois, é uma maneira de incentivar nos alunos o apreço pela leitura, não por obrigação, mas, em contrapartida, por prazer, tendo em vista que, propicia a ideia do protagonismo, identidade e valores morais.

Igualmente, estes, podem se reconhecer como sujeitos da história, através das características expressas, disseminando a ideia do respeito à diferença, solidariedade, direitos e deveres. As implicações da deficiência, juntamente com as pessoas que foram acometidas por tais, são capazes de manter uma vida normal, porém, é de extrema importância que haja uma conscientização por parte dos docentes que estão formando os sujeitos aprendentes, para desconstruir o preconceito, por isso, é fundamental que, estes adquiram formação bem consistente

Para que o professor venha fixar a atenção dos alunos, é necessário que o mesmo, selecione histórias que sejam da realidade destes, com personagens que os atraiam, para que sintam-se motivados. Segundo Tahan (1996), não existe uma classe específica que se interesse mais pelas histórias, seja criança, adulto, rico e pobre, sábio e o ignorantes, todos ouvem as histórias com prazer, desde que sejam envolventes, tenham vida e possam despertar a atenção.

Ademais, faz-se necessário que haja estreitamento de laços entre educadores e família, uma vez que, há forte tendência de reproduzir paradigmas que estão arraigados na sociedade, porém, deve-se levar em consideração, que em primeiro plano, o educador deve também, estar isento de preconceitos e ideias pré-estabelecidas, para que não desvincule o objetivo da contação de histórias, que é permitir criar um senso crítico e um olhar diferenciado, acerca da deficiência

Algumas literaturas analisadas possuem um texto extenso, na qual deixa o ouvinte desatento, pois, não o leva a imaginação, outras colocam as dificuldades enfrentadas pela pessoa com deficiência, como sem obstáculos e tudo muito sistematizado. De certa forma, maquia a realidade de todo um processo de dificuldades, de acertos e erros, de indignação,



de quedas e levantes, de adaptação que requer muitas vezes um esforço contínuo, Porém, algumas literaturas colocam todo esse processo como algo fantasioso, ou seja romantiza a narração.

Diante do que foi discutido, mas afinal o que é deficiência? De acordo com conceito apresentada pela Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF) e incorporado à convenção sobre direito da pessoa com deficiência, apud Silva (2011, p. 169) a define como: “Aqueles que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade com as demais pessoas.” Então, se percebe que a barreira agravante para a deficiência de uma pessoa não está em sua condição, mas nas barreiras criadas pelo ser humano: as atitudinais e as ambientais, que provocam a anulação do outro no devir, no direito constitucional que lhes garante a afirmação como sujeito de direito na sociedade, no país.

A contação de histórias remete a compreensão que, ela pode contribuir na socialização e conscientização das crianças, intervindo através da construção, durante a formação, de mecanismos que vislumbre a integração e valorização do outro pelo respeito firmando valores que devem ser criados, cultivados na escola, e no processo de ensino aprendizagem.

Percebe-se também que, a linguagem usada para esse tipo de literatura, advém de uma construção, que não se posiciona através do olhar infantil, ou mesmo, como aquele ouvinte recebe a mensagem, se é compreensível para ela. Pois, o que pode ser compreensível ao autor (adulto), necessariamente não pode ser para o leitor, ou ouvinte infantil.

Estas proposições corroboram com a prática pedagógica docente, uma vez que, os cerca de conhecimento, diante das obras infantis exploradas, munindo de um aparato maior, de como selecionar as obras que serão abordadas em sala de aula, obedecendo a idade dos alunos, sendo de fácil compreensão, não sendo apenas literaturas narrativas, tornando a aprendizagem enfadonha, mas abordando aspectos descritivos, em que o professor realizará pequenas pausas, dando continuidade no decorrer das aulas.

Diante do que foi exposto, e através das análises das diversas obras infantis, podemos inferir que, o projeto vem a agregar na formação das futuras pedagogas, possibilitando aos alunos, uma aprendizagem dinâmica e lúdica, uma vez que, por meio destas, guiará as docentes em suas práticas pedagógica

## **Conclusão**

As obras as quais foram analisadas, em sua maioria, abordam o aspecto biológico, cujo objetivo é sobrepor a deficiência e não as potencialidades que os indivíduos podem desenvolver, encontrando no professor um facilitador em sua caminhada, entretanto, algumas obras, enfatizam os aspectos culturais, sociais, bem como, relações interpessoais, em que a deficiência não sobressai as qualidades dos indivíduos.

Portanto, o papel do professor como mediador, nas narrativas desse gênero literário, abre possibilidades para contextualizar um novo paradigma de ensino com afirmativas que tragam um novo olhar da sociedade para a deficiência. E deve ser contada de tal forma que o aluno compreenda de quem está se falando, do seu contexto social e das dificuldades encontradas pela pessoa com deficiência, e de que forma todos podem contribuir para que todos os espaços da nossa sociedade sejam verdadeiramente inclusivos.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, L. M. **Educação para diversidade: acervo complementar do PNLD/2010**. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação da Universidade Federal de Caxias do Sul, 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1977.

CRESPO, Lia. Ilustração de Murilo. **Júlia e seus amigos**. São Paulo: Nova Alexandria, 2005

DE SOUSA, L. O.; DALLA BERNARDINO, A.A. Contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Revista Educere et Educare**. v. 6, n. 12, 2011.

COSTTA, Silvio. Ilustração de Marta Neves. **Quem é Glória**. Sabara, MG: Dubolsinho, 2007

HONORA, Márcia. **Uma formiga especial**. São Paulo: ciranda cultural, 2008

\_\_\_\_\_. **Dognaldo e sua nova Situação**. São Paulo: ciranda cultural, 2008

\_\_\_\_\_. **Nem todas as girafas são iguais**. São Paulo: ciranda cultural, 2008

MIRANDA, A.A.B. **História, deficiência e Educação Especial**. Reflexões desenvolvidas na tese de doutorado: A Prática Pedagógica do Professor de Alunos com Deficiência Mental, Unimep, 2003.

PRODANOVE, Cleber Cristiano e FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Rio Grande do Sul – Brasil: Universidade Feevale, 2013.

SILVA, Izaura Maria de Andrade. **Políticas de educação profissional para pessoas com deficiência**. 2011. enc.: Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade

WERNECK, Claudia. Ilustração de Ana Paula **Meu amigo Down na rua**. Rio de Janeiro: WVA, 1994

---

\_\_\_\_\_ **Meu amigo Down na escola**. Rio de Janeiro: WVA, 1994